



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**Alberto de Oliveira Monteiro**

**2012**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-312

**Entrevistado:** Alberto de Oliveira Monteiro

**Nascimento:** 29/03/1952

**Local da entrevista:** ESEF - UFRGS

**Entrevistador/a:** Luciane Silveira Soares e Leila Mattos

**Data da entrevista:** 12/12/2012

**Transcrição:** Bruna Tomaschwski Perla

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 8 minutos e 41 segundos

**Páginas Digitadas:** 4

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Relação com o Programa Segundo Tempo; Convite para atuar no Programa; Funções desempenhadas; As avaliações dos Núcleos do Segundo Tempo; Políticas públicas de esporte; Diferenças entre as crianças participantes do projeto; Crianças de zonas rurais e urbanas; Importância da experiência de atuar no Programa.

Porto Alegre, 12 de dezembro de 2012. Entrevista com Alberto Monteiro a cargo das pesquisadoras Luciane Silveira Soares e de Leila Carneiro Mattos para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.S. – Quero começar perguntando como o senhor conheceu o Programa Segundo Tempo?

A.M. – Eu conheci o programa Segundo Tempo através do Cícero<sup>1</sup>. Eu sabia que a Escola<sup>2</sup> tinha o núcleo Segundo Tempo que o Ricardo<sup>3</sup> coordenava, mas ai só sabia que existia, não sabia exatamente o que era, ai através do Cícero que conheci o que se tratava o Programa Segundo Tempo.

L.S. – Nacionalmente o senhor não conhecia? Fora da ESEF não?

A.M. – Não.

L.S. – Como foi o seu ingresso dentro do Programa Segundo Tempo?

A.M. – Saiu um dos avaliadores e o Cícero me convidou, colocou o meu nome, foi aceito, foi como entrei.

L.S. – Em que ano foi?

A.M. – O convite foi em 2011 e eu entrei a partir de 2012, início de 2012.

L.S. – E qual a sua função hoje dentro do projeto?

A.M. – Eu sou avaliador dos núcleos. As cidades possuem núcleos e a gente vai para lá fazer avaliação desses núcleos.

---

<sup>1</sup> José Cícero Moraes, professor da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen, professor da ESEF/UFRGS.

L.S. – Avaliação do núcleo? E de que forma é feita?

A.M. – Avaliação do núcleo. Para a avaliação existe um roteiro. A avaliação consiste em fazer algumas perguntas para o monitor, para o coordenador do núcleo e para o coordenador geral. Então são os três e, além da avaliação a gente faz observações, e faz perguntas também para os participantes, para meninada.

L.S. – Para quem recebe?

A.M. – Exatamente. Basicamente a gente vê a qualidade das aulas, a gente vê o material disponível se está em boas condições, se os meninos e as meninas estão vestindo o uniforme do PST, se as condições são razoáveis, tanto as condições do desenvolvimento das atividades, quanto de segurança das crianças, se essas atividades são feitas no contra turno da escola... Os meninos tem estar todos eles matriculados na escola, etc. É um roteiro muito longo, são vinte e sete páginas, não posso te precisar quantas perguntas são, mas são muitas, mais de cem perguntas, mais de cem itens, melhor dizendo para a observação. Vê o número de alunos, comparar o que eles colocaram no projeto pedagógico, enfim, muita coisa.

L.S. – Com que periodicidade acontece essa avaliação? De quanto em quanto tempo?

A.M. – Não sei exatamente, porque são muitos avaliadores, então cada um vai em um determinado período. São umas cinco avaliações, não mais, umas seis, sete avaliações.

L.S. – Em núcleos diferentes?

A.M. – Em núcleos diferentes.

L.S. – E na sua opinião qual a importância do Programa Segundo Tempo para as políticas públicas de esporte?

A.M. – O esporte, no Segundo Tempo, é o esporte educacional, é um esporte que tem esse cunho lúdico, etc. Eu acho que é um dos itens importantes de política pública de educação,

para o esporte em si. Dependendo do que a gente pensa para o esporte, ele pode ajudar, evidentemente, porque aí surge interesse pelo esporte, a oportunidade em que as crianças e os jovens possam participar de uma atividade organizada e que tem uma boa organização dos professores e monitores disponíveis, bom material, espaço físico adequado, uma boa organização pedagógica, isso é, digamos assim, é um início. Agora, qual é o peso disso para uma política pública? Eu não posso precisar; porque eu precisava conhecer um pouco mais sobre as políticas públicas para o esporte, mas eu acho que é um programa bastante interessante, acho mesmo que é um programa bastante interessante.

L.S. – O senhor fez alguma capacitação do Programa Segundo Tempo?

A.M. – Fiz. Não é fazer capacitação, nós fazíamos reuniões periódicas, além das avaliações, a gente sempre se encontra para fazer reuniões a respeito de como lidar melhor com a situação de avaliação e com os problemas que a gente enfrenta no dia a dia. Conhecer melhor aquilo que eles pensam no ponto de vista da pedagogia, qual é o interesse pedagógico do Programa, então, essas seriam por um lado reuniões de organização, por outro lado reuniões de capacitação.

L.S. – O senhor mencionou que fez, aproximadamente, sete avaliações, em regiões, cidades diferentes. Existem particularidades, muitas particularidades, de cada região, de cada cidade em relação a aplicação do Programa?

A.M. – Existe. Existe especialmente quando é no centro da cidade e no interior da cidade, porque o PST está na zona rural, então, é uma diferença muito grande. Não *muito* grande, há uma diferença significativa, entre os meninos que atuam no PST na zona rural e aqueles que estão mais na cidade. Normalmente aqueles que estão na zona rural, é a única atividade que eles tem fora a escola, na zona da cidade eles tem várias atividades, tem festas, tem a casa dos amigos, enfim tem uma série de outras atividades, inclusive clubes, etc., que dividem com o Programa Segundo Tempo as atenções da meninada. Então isso basicamente é a diferença.

L.S. – Bom, da minha parte estou satisfeita, não sei se o senhor gostaria de falar mais alguma coisa em relação a sua atividade no Programa Segundo Tempo, fica a vontade.

A.M. – Minha atividade estou encerrando agora, o meu tempo termina agora no dia 31 deste mês (dezembro). Eu achei muito interessante porque a gente toma contato com a realidade das crianças muitas vezes em situação de risco, muitas vezes em situação de esquecimento e muitas vezes em situação de falta de horizonte, e o Programa Segundo Tempo, digamos assim, que tem uma possibilidade boa de dar oportunidade para as crianças a ter uma outra visão das coisas que eles tem que fazer e recupera um pouco essa dívida, que não é computada aos governos, mas recupera um pouco a dívida, não só social, mas sobretudo uma dívida, por um lado educativa, e por outro lado cultural, no ponto de vista do esporte. Então, eu acho que para mim foi uma experiência boa, também tive contato com as grandes dificuldades que os meninos e meninas enfrentam no dia a dia, e lá pelas tantas o PST é um espaço interessante que eles possam se sentir bem em algum momento, então eu me senti muito bem trabalhando no PST e gostei da experiência que eu tive.

L.S – Muito obrigado professor.

[FINAL DO DEPOIMENTO]